

## APOSENTADORIA: TEMPO DE ENVELHECER OU REVIVER?<sup>1</sup>

Carmen Maria Andrade<sup>2</sup>

**Resumo.** A aposentadoria pode ser vista como um evento normativo esperado ao longo da trajetória profissional e comporta vivências diferenciadas em relação à sua concepção inicial, significa a proteção ao trabalhador pelos anos dedicados ao trabalho, e também um momento de redimensionar e ressignificar a vida. Este artigo relata um estudo que teve como objetivo verificar a percepção de professoras aposentadas acerca da aposentadoria do ensino superior e as motivações para voltar a trabalhar. A pesquisa seguiu os pressupostos do estudo de caso qualitativo, realizada em quatro Instituições particulares de ensino superior de Santa Maria/RS-BR, nos anos de 2006 e 2007, com mulheres professoras aposentadas de instituições públicas, que voltaram a trabalhar. A coleta das informações foi feita pela própria pesquisadora através de uma entrevista semi-estruturada. Ficou claro que para todas as participantes a aposentadoria está sendo um período gratificante em suas vidas e uma nova fase de muitas realizações. Voltaram a trabalhar porque se aposentaram muito jovens obrigadas pelas mudan-

---

1 Este artigo é resultado de uma pesquisa desenvolvida nos anos de 2006 e 2007 na cidade de Santa Maria/RS-Brasil com Professoras aposentadas no Ensino Superior Público que voltaram a trabalhar lecionando em Instituições Privadas de Ensino Superior.

2 Psicopedagoga, Doutora em Educação pela PUC/POA, com tese na área do Envelhecimento Humano. Professora da Faculdade Palotina e Coordenadora do Núcleo Palotino de Estudos do Envelhecimento Humano (NUPEN)- Santa Maria/RS-Brasil.

ças da legislação, e por considerarem que o trabalho as mantém vivas, atualizadas, com qualidade de vida e disposição para continuar ensinando cada vez mais. Concluiu-se que, ao continuarem interagindo com diferentes gerações estas professoras aposentadas estão contribuindo na desmistificação da visão da aposentadoria como incapacidade, impotência, inércia e na construção de uma sociedade mais sensível ao seu envelhecimento, que vive e valoriza os aposentados que optaram por voltar ao exercício profissional.

**Palavras-chave:** aposentadoria, professoras, ensino superior.

**Abstract.** The retirement can be seen like a normative event expected for all the professional trajectory and it contains unlike experienced existences relationated to inicial conception. It means the protection to the worker by the years dedicated to the work and also a moment to dimension and signify again the life. This article relates a study that had the aim to verify the perception about the retirement of female college teachers and why they have come back to work. The search followed the rules of the Qualitative Study of Case. It took place in four private college in Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brazil, from 2006 to 2007 with female retired teachers of public institutions that have come back to work. The collect of the information was done by the own researcher through a semi-structured interview. It has got clear that for all the partakers the retirement is being a rewarding period in their lives and a new stage of many accomplishments. They have come back to work because they retired much young obligated by the legislation shifts and because they considered that the job keep them alive, up-to-dated, with quality of life and energy to keep teaching more and more. It was concluded that in they continue interacting with different generations

these retired teachers are contributing in the demystification of the view of retirement like unfitness, impotence, inertia and in the construction of a society more with its aging, that lives and valorizes the retired that chose to return to the professional exercise.

**Key words:** retirement - female teachers - college.

### INTRODUÇÃO

Estudar aposentadoria com professoras de Ensino Superior aposentadas torna-se interessante quando se constata que ela apresenta grandes repercussões na vida de quem se aposenta. A passagem para aposentada implica em reorganizar a vida, as finanças, as relações familiares e sociais, bem como a dedicar-se a novas atividades para a ocupação do tempo livre.

A palavra aposentada na sua origem tem uma conotação depreciativa já que é formada pelo prefixo *apo* (afastar-se) mais *sentada*, ou seja, é o afastar-se para sentar, é a inatividade, a improdutividade, a inércia num mundo que cobra o movimento, a produção e o consumo. Na língua portuguesa, aposentar-se prende-se etimologicamente a hospedagem, abrigo nos aposentos. Considerando que aposento é o mesmo que quarto, alcova, o sentido do termo remete à noção de abrigar-se nos aposentos, no interior da habitação. Em inglês e francês (*retired* e *retraité*) também remetem à noção de retirar-se, afastar-se da vida ativa, sendo que no século XVI, *retraité* significava, também, o

lugar onde as pessoas se retiravam para escapar “*dos perigos e das modernidades*”.

A aposentadoria pode ser vista como um evento normativo, é esperada ao longo da trajetória profissional e comporta vivências diferenciadas em relação à sua concepção inicial; significa a proteção ao trabalhador pelos anos que dedicou ao trabalho, e também um momento de redimensionar e ressignificar a vida. A aposentadoria simboliza rupturas com a realidade sócio-político-econômica.

O estudo que deu origem a este texto teve como objetivo verificar a percepção acerca da aposentadoria de professoras do ensino superior, e os motivos que as levaram a retornar ao trabalho. Este artigo relata um estudo de caso realizado em quatro Instituições particulares de Ensino Superior de Santa Maria/RS-BR, durante os anos de 2006 e 2007, com 50 (cinquenta) professoras aposentadas de instituições públicas, que voltaram a trabalhar em instituições de ensino superior privadas.

O texto inicia analisando a trajetória da aposentadoria no Brasil, aborda a questão dos efeitos da aposentadoria na vida da aposentada, propõe a pergunta se aposentar está mais ligada a envelhecer ou a reviver, para então abordar as repercussões da aposentadoria na vida das participantes e a questão do retorno ao mundo do trabalho.

A escolha dos sujeitos da pesquisa se deu aleatoriamente entre aquelas que se dispu-

seram a participar do estudo, que teve uma abordagem qualitativa-descritiva do tipo estudo de caso, e apresentar possibilidades de entendimento do fenômeno segundo as perspectivas dos sujeitos.

A questão norteadora da pesquisa foi: qual a percepção da aposentadoria para a vida destas professoras que voltaram ao trabalho?

O instrumento de coleta de informações foi a entrevista semi-estruturada. A realização das entrevistas foi feita pela própria pesquisadora, com dia e hora previamente agendados, tendo sido todas no local de trabalho das participantes, por sugestão das entrevistadas.

Transcritas, as entrevistas foram analisadas, tendo como base as questões do trabalho, da aposentadoria e da família. Foram realizadas com aposentadas há pelo menos cinco anos, com mais de 52 anos de idade, do sexo feminino, residentes na zona urbana de Santa Maria/RS, escolhidos intencionalmente entre as professoras aposentadas que permaneciam no magistério. Das entrevistas selecionou-se os fragmentos de discurso referentes ao sentido atribuído ao cotidiano.

Na análise das entrevistas, foi utilizado a análise de conteúdo. Após a transcrição das entrevistas e de realizadas várias leituras do material transcrito, com a finalidade de encontrar os conteúdos que pareciam ser mais significativos e semelhantes, foram construídos dois textos, o primeiro referindo-se às

repercussões da aposentadoria para a vida destas professoras, e o segundo sobre o que as motivou a voltarem ao trabalho.

## **2. TRAJETÓRIA DA APOSENTADORIA NO BRASIL**

A Previdência Social no Brasil iniciou em forma de montepio. No Império, em 1889, foi votada a Lei 3397 que autorizava a criação da *Caixa de Socorro* aos trabalhadores das estradas de ferro estatais.

O direito a aposentadoria é um fato social recente que surgiu no início do século XX, com ele os conceitos de aposentadoria e velhice passaram a estar associados, pois o direito à aposentadoria inclui a velhice subsidiada e o direito de descanso no fim da vida (HADDAD, 1993).

Em 1926, o sistema de Caixas de Aposentadorias e Pensões (CAP) beneficiou trabalhadores da estiva e da marinha; em 1937 o número de CAPs estava em 83. Para Haddad (1993) a conquista da aposentadoria fez parte de um conjunto de reivindicações do movimento operário que motivou as manifestações grevistas e congressos operários que lutaram pela melhoria dos salários, a redução da jornada do trabalho, as férias, a regulamentação do trabalho de mulheres, entre outros.

Em 1930, no governo Getúlio Vargas, foi criado o Ministério do Trabalho, Indústria e

Comércio que procurou organizar o trabalho livre, os sindicatos, os tribunais trabalhistas e o sistema previdenciário. De 1930 a 1938, com a criação dos Institutos de Aposentadoria e Pensões (IAPs) a cobertura previdenciária se ampliou tornando-se de interesse do Estado.

No entendimento de Petersen (1997), os IAPs reforçavam as desigualdades econômicas entre as diferentes categorias profissionais: a quantidade de recursos variava entre as instituições previdenciárias; os dispositivos legais eram específicos a cada instituto e a qualidade do volume de benefícios e serviços prestados aos associados eram díspares.

A primeira proposta de unificação e universalização da Previdência Social surgiu quando Getúlio Vargas, em 07 de maio de 1945, cria o Instituto de Serviços Sociais do Brasil – ISSB (HADDAD, 1993). Em 1960, no governo de Juscelino Kubitschek, é publicada a Lei Orgânica da Previdência Social – LOPS, a qual uniformizou os direitos de todos os segurados, ampliando os benefícios segundo o padrão dos melhores IAPs. Com isso, a LOPS contribuiu para agravar as crescentes dificuldades da Previdência Social.

Em 1998 houve a promulgação da reforma da Previdência Social, deixando os benefícios menores, o tempo de contribuição maior, e aumentadas as exigências para a concessão dos benefícios (GONÇALVES, 2001). Este autor salienta, também, as regras de transi-

ção para quem já contribuía.

Nesta direção, Kaefer (2004) destaca que as mudanças na previdência são um processo complexo, uma vez que mexem com os direitos e interesses da sociedade. Muitas discussões têm sido feitas em relação a essas questões, o que demonstra que a sociedade, através de mobilizações, está organizada para reivindicar seus direitos. Ainda, menciona que *“a reforma da Previdência Social busca ajudar não apenas os aposentados, mas toda a população que pretende contribuir para poder se aposentar e usufruir seus direitos”* (2004, p.32). Sendo assim, a reforma na Previdência é fundamental e já devia ter sido realizada há mais tempo, visto que a tendência é aumentar o número de aposentados, o que nos remete a uma medida eficaz, para garantir que futuramente os sujeitos tenham condições de se sustentar.

### **3. EFEITOS DA APOSENTADORIA**

A aposentadoria é considerada por Cecílio (apud WITCZAK, 2001) como o período da vida do trabalhador em que se institucionaliza a dispensa normativa e legal dos serviços profissionais. Pode ocorrer por idade, por tempo de serviço ou por invalidez. O importante é que a mesma sinaliza o fim de um tempo de trabalho e o retorno daquilo que ele pagou enquanto permanecia na ativa.

Este evento representa um belo desafio na vida do trabalhador porque o trabalho “...é uma maneira de se afirmar e desenvolver características que tornam o indivíduo mais eficaz em íntima relação com um ambiente que ele pode transformar ou preservar” (MOSQUERA, 1979, p.169). Já para outros autores, a aposentadoria representa a perda do status profissional e o afastamento do sistema de produção. Além disso, representa uma reorganização espacial e temporal da vida, confrontação com a velhice e reorganização da identidade pessoal, mesmo mantendo um vínculo simbólico com o trabalho através da identidade de trabalhador, pois não se rompem os modelos de identificação, construídos no passado e apropriados como representantes do eu.

Nesta linha, Witczak (2001) afirma que ser aposentado para o homem é assumir uma dimensão de desvalorização social, de perda de status, de responsabilidades e prestígio no mundo público. Para a mulher, a aposentadoria mantém seu papel social doméstico, pois seus afazeres continuam.

Zanelli (1996) escreveu que não é sem razão que a categoria dos aposentados é denominada de “*inativa*” – sentido oposto à mobilidade ou movimento, essência da vida. O recado é “*se você não trabalha, deixa de ter importância*”. Para Andrade (1996) o rompimento das relações de trabalho tem um im-

pacto indiscutível, mesmo que varie de pessoa para pessoa, pois a aposentadoria implica na interrupção das atividades praticadas durante anos, no rompimento dos vínculos e na troca dos hábitos cotidianos impostos pelas mudanças na vida pessoal e social.

Na concepção de Salgado (apud WITCZAK, 2001) a aposentadoria decreta funcionalmente a velhice, ainda que a pessoa não seja velha no viés biológico. O autor afirma que, independente da aposentadoria estar cercada de recursos materiais ou não, ela traz, para a maioria dos trabalhadores, um conflito individual e social. A maioria das pessoas, independente de idade ou tempo de trabalho, não se encontra preparada para aposentar-se e sequer o deseja. Nesta direção Silva (1991) afirma que o aposentado torna-se vítima de seu próprio descanso quando o tempo se amplia em razão das tarefas e ocupações de rotina, sem a presença das funções nobres da atividade profissional.

A aposentadoria, por significar no plano social o fim da capacidade produtiva, no plano individual acrescenta a idéia de chegada da velhice e proximidade da morte. Isto requer um momento de elaboração de perdas, de luto, de reorganização e adaptação às novas situações.

Se a pessoa tem outros meios de personalização além do trabalho e se é capaz de integrar suas perdas e adaptar-se às situações de mudança, a aposentadoria pode ser vivida de forma menos traumática. Nesta situação,

ela seria a passagem do trabalho para o não-trabalho, sem acarretar uma transformação profunda na sua identidade.

A aposentadoria pode interferir nas relações familiares, segundo Willis (1996) podendo fazer o indivíduo voltar-se para a família permitindo a manutenção de seu envolvimento social e de seu equilíbrio pessoal. Assim, a diminuição do status social pode ser compensado pela acentuação de novos papéis familiares.

Mosquera escreve que *“as pessoas que continuam com alguma classe de atividade produtiva permanecem, por mais tempo, com sua capacidade intelectual aberta e viva”* (1983, p.137).

#### **4. APOSENTAR: ENVELHECER OU REVIVER?**

O envelhecer é um tempo marcado pela libertação dos compromissos profissionais e familiares, possibilitando a vivência de outras experiências deixadas de lado, em função dos papéis e responsabilidades exercidos. Esta perspectiva opõe-se a ótica da velhice como incapacidade e inatividade.

Aqui, aposentadoria ganha ares de reviver, de reorganizar, de reelaborar onde a pessoa cheia de coragem adequa-se à nova condição, entra em harmonia com a vida e adapta-se ao seu novo momento.

Veras (1995) concorda que a aposentadoria não precisa ser um período de decadên-

cia, pois quando acompanha uma velhice saudável, é uma fase natural da vida, com possibilidades de renovação, mudanças e realização. O resgate da auto-estima, da alegria, da descoberta das potencialidades, do prazer de se expressar e ser ouvido são perspectivas para uma vida mais plena.

Outro elemento a ser considerado é o crescimento da população idosa no Brasil, fazendo surgir uma preocupação com a formação de profissionais, com a prestação de serviços e com a oferta de novas oportunidades capazes de promoverem a saúde e a qualidade de vida dos velhos.

Manter projetos de vida, agenda própria, abertura para a vida, para o conhecimento e para as novas relações fazem com que o aposentado não considere este momento como decadência, e sim como um reviver com qualidade e perspectivas de futuro e realizações.

## **5. REPERCUSSÕES DA APOSENTADORIA**

A aposentadoria representou uma mudança radical na vida destas professoras, pois implicou no término das atividades laborais praticadas durante anos e anos, e forçou a troca de hábitos cotidianos, trazendo a necessidade de uma reorganização de sua rotina diária. Este novo estilo de vida trouxe conseqüências que impuseram mudanças no aspecto financeiro,

familiar, social e na ocupação do tempo livre.

As repercussões no aspecto financeiro estiveram relacionadas com a redução do salário, pois a maioria delas ocupava alguma função gratificada de chefia e/ou coordenação que não foi incorporada ao salário, deixando de receber o valor do tempo em que trabalhava.

Esta insatisfação ficou clara em falas como as que se seguem: a) *Eu fiquei insatisfeita com o achatamento do salário, comecei a ver que não ia conseguir viver só com a aposentadoria;* b) *Eu me aposentei com o salário integral, mas as funções gratificadas que rendiam mais ficaram para trás;* c) *Nunca pensei que quando me aposentasse o salário seria tão reduzido assim.*

Da mesma forma, pode-se atribuir essa insatisfação ao fato do Brasil ter passado por sucessivas mudanças na política governamental relacionada à aposentadoria dos servidores, forçando a mudança do padrão de vida e do orçamento familiar.

Algumas das aposentadas expressaram o descontentamento em relação ao salário devido ao tempo de contribuição que fizeram e a não equiparação com o salário dos professores ainda em atividades. Nesta direção as falas foram: a) *Eu tenho trinta e dois anos de sala de aula na universidade federal, sempre descontei para a aposentadoria, e agora na hora de usufruir me sinto traída;* b) *Durante meu tempo de atividade professoral fiz todos os cursos possíveis para a carreira, da Especialização ao*

*Pós-Doutorado, pesquisei, publiquei, orientei na Pós-graduação, ..., agora que me aposentei ganho menos que meus colegas de departamento que fizeram apenas o mestrado; c) Faz mais de quinze anos que eu sou o pai e a mãe dos meus filhos, passei os melhores anos deles na universidade, sem acompanhá-los bem na escola, me dedicando aos filhos dos outros, pensando no tempo livre do dia da aposentadoria,..., agora estou aqui de volta a luta para poder continuar dando o que precisam ... até pelo menos se formarem no curso superior....*

As repercussões financeiras são relevantes, pois além de afetarem o aposentado que recebe aquele valor de aposentadoria, afeta todas as suas relações, pois a sua condição econômica é que vai determinar o envolvimento ou não em atividades que por direito, seriam próprias desta etapa da vida, tais como: viajar independente da época do ano, participar de eventos, fazer cursos, ir a clubes, teatro, restaurantes,... Além disso, o fato de terem o salário reduzido faz com que alguns aspectos, como o sustento da família, sejam mais preocupantes, não podendo manter o antigo padrão de vida.

Quanto ao aspecto familiar as repercussões são significativas, uma vez que a família tem um papel central na vida destas professoras, pois a maioria delas se sente responsável pela transmissão de valores, normas sociais, culturais e religiosas aos seus integrantes.

Quando falaram sobre a família disseram:  
a) *Minha família e meu trabalho sempre estiveram lado a lado, aliás, é porque tenho esta família que trabalho tanto; b) Independente de trabalhar quarenta horas na universidade, eu sempre consegui manter o controle da minha família, sempre fixei os horários, dividi as atividades e responsabilidades, delimitei prazos; c) Minha preocupação com as relações familiares sempre foi muito grande, tanto na relação que estabeleciam entre os irmãos, entre os familiares, como com o tipo de amigos que faziam,..”*

Com a aposentadoria estas mulheres pensavam em dedicar-se um pouco mais às atividades que foram sendo adiadas por conta do trabalho, tais como: ter mais tempo para o lazer com a família, descansar, dormir até mais tarde, entre outras. A pressão econômica as fez postergar estes planos.

Em algumas falas, daquelas que só estão trabalhando à noite, foi possível notar que as relações familiares pós-aposentadoria melhoraram, pois estas mulheres puderam voltar para a família durante o dia o que possibilitou dar mais atenção e cuidado aos filhos. Elas se expressaram assim: a) *Eu acho que melhorou muito nossa convivência, esta foi a grande vantagem da aposentadoria. Hoje percebo que se continuasse trabalhando eu não teria a possibilidade de reconhecer meus filhos; b) Para mim, ficar em casa durante o dia foi a grande estratégia da aposentadoria, pois hoje conheço*

*os amigos dos meus filhos, escuto música com eles, assisto filmes,... resgatamos algumas atividades comuns; c) Desde os seis meses meus filhos foram para a creche e eu pouco acompanhei a vida deles. Hoje sentamos a tarde para tomar chimarrão, conheço seus planos, fazemos planos, opino na vida deles, escuto seus posicionamentos,... estou de volta ao lar.*

A partir destes relatos pode-se inferir que esta percepção decorre do duplo papel social exercido por estas mulheres, no plano familiar e no plano profissional, durante muitos anos, e agora com a aposentadoria têm mais contato diário com a família, maior dedicação aos filhos, e mais companheirismo com o marido, este último item ficou claro nas seguintes falas: a) *Agora estou redescobrimo meu marido, estamos vivendo mais e melhor nossa relação, voltamos até a namorar; b) Eu e meu marido estamos aposentados, dividimos as tarefas, tudo fica rápido, voltamos os dois a trabalhar só de noite, estamos com um excelente relacionamento recuperando muitos momentos perdidos; c) Meu marido voltou a ser meu namorado, me leva de mão para a faculdade de noite e vai me buscar, no caminho conversamos, fazemos planos, sem ter pressa de chegar em casa correndo, pois agora não preciso mais me levantar às 6h30min,....*

O tempo de aposentadoria nem sempre é tão tranquilo para os casais. Moragas (1997) lembra que o momento da aposentadoria afe-

ta em especial a vida do casal, pois a rotina se altera, devido a presença mais intensa e a excessiva manutenção de contato. Isso causa uma necessidade de reorganização do trabalho doméstico, uma divisão de tarefas, uma maior participação de todos no planejamento das atividades que antes faziam parte das responsabilidades da mulher.

A volta do casal para o ambiente familiar após a aposentadoria nem sempre é algo que aproxima e melhora as relações, podendo trazer estresse e desarmonia. As falas que se seguem expressam esta situação: *a) Quando me aposentei pensava em ficar só em casa, me estressei de tal maneira que não vacilei em aceitar o primeiro convite que recebi para voltar a trabalhar; b) Aposentada tem as duas faces da mesma moeda, isso pode ser positivo e negativo,... positivo porque a gente curte os filhos, os netos, a casa, as coisas, os vizinhos,... e negativo porque a gente vê tudo, perde o controle, briga muito, se torna muito exigente...; c) No tempo da universidade eu não participava de nada, mas também não me preocupava nem cobrava nada, meus filhos agora reclamam que estou ficando muito exigente, eu digo que é por amor, então eles pedem para eu amá-los um pouco menos...*

As relações estabelecidas na família são muito afetadas com o fato da aposentadoria, pois ela oportuniza tanto um convívio intenso e uma grande dedicação, quanto pode es-

tressar, pois estas professoras, ao se aposentarem, precisaram adaptar-se para participar de uma nova rotina com a qual não estavam acostumadas. Cabe destacar que os familiares também sentem os efeitos desse momento novo e precisam reaprender a conviver a nova condição de mãe e esposa aposentada.

As repercussões no aspecto social são originadas das modificações geradas pela ruptura do convívio diário com os colegas de trabalho, fazendo com que as aposentadas perdessem ou mudasse sua rede de comunicação. Surge aqui a necessidade de administrar e preencher o tempo antes dedicado à universidade.

As falas que se seguem deixam clara a necessidade da busca por atividades para preencher o tempo: *a) Como só estou trabalhando a noite, comecei a resgatar meus antigos amigos, a visitar os parentes, a ir às atividades da igreja,...; b) Quando eu trabalhava na universidade tinha mais convívio com as pessoas, mas agora percebo que eram relações profissionais, ou por interesse, agora eu escolho fazer trabalho voluntário, me realizo nas instituições onde estou atuando, ... sinto que minha vida está com mais qualidade,...; c) O que mais me agrada é não ter pressa quando saio, posso olhar vitrines (coisa que há anos não fazia), conversar a toa, sentar no calçadão,....*

Estas falas comprovam que a aposentadoria não precisa necessariamente ser sentida como uma perda das relações sociais:

ela pode ser vista como uma ampliação do círculo relacional.

Outra questão colocada por algumas professoras foi sobre a cobrança que alguns segmentos sociais fazem aos aposentados, pois muitos pensam que elas têm tempo sobrando e por isso se sentem no direito de delegar-lhes tarefas. Isto ficou claro quando disseram que: *a) Eu tinha mais tempo pra mim quando trabalhava do que agora,... todos têm sempre uma coisa para eu fazer...; b) As pessoas não me convidam para participar das atividades do sindicato, da APUSM, da associação do bairro, ..., elas me convocam afirmando que como estou aposentada tenho tempo...; .*

Estas falas expressam como algumas pessoas não valorizam as aposentadas, mesmo tendo retornado ao trabalho. Moragas (1997) nesta direção afirma que uma das soluções para os aposentados seria a transformação desse “*papel sem papel*” na sociedade em um “*papel com papel*”, atribuindo aos aposentados responsabilidades e prestígio social. Para isto se faz necessário a desmistificação da importância do trabalho.

As repercussões na **ocupação do tempo livre** variam conforme a maneira como vivemos isto ao longo de nossa vida. É claro que na aposentadoria o tempo livre é maior, mas a necessidade de preenchê-lo, como uma forma de sentir-se ativo e participante nessa nova fase da vida também é muito grande.

A maioria das professoras entrevistadas preenche o tempo com as coisas da família, com atividades sociais, com trabalho voluntário, e com os encargos do novo trabalho. Todas foram unânimes em dizer que também se envolvem com atividades como: ginástica, natação, caminhadas,..., para manterem o fôlego e preservarem a saúde.

Pode-se pensar que este grande envolvimento se deve ao fato de muitas destas professoras terem se aposentado muito cedo, e também por serem pessoas acostumadas a participar ativamente da vida da comunidade.

Andrade (1996) afirma que o tempo livre nem sempre é uma preocupação, pois segundo os projetos e a forma como passou do trabalho à aposentadoria, o indivíduo pode reconhecê-lo como um direito merecido pelos anos dedicados ao trabalho.

#### **○ RETORNO AO TRABALHO**

Considerando que muitas das participantes foram obrigadas a se aposentar por mudanças na legislação, por pressão diária no trabalho, e por incentivo dos familiares, compreende-se que a significação da vida após a aposentadoria está diretamente ligada ao significado que atribuíram a esse período e a representação do trabalho em suas vidas.

A pesquisa demonstrou que 92% das en-

entrevistadas retornaram ao mundo do trabalho por considerarem que ele as mantém vivas, atualizadas, com qualidade de vida e disposição para continuar ensinando cada vez mais. Nas falas que se seguem isto fica bem pontuado: a) *Continuo trabalhando, pois me sinto útil à sociedade, tenho muito a aprender e a ensinar neste âmbito universitário do qual faço parte;* b) *Logo que me aposentei, tentei parar de trabalhar, mas isto só me fez mal, hoje trabalho em duas instituições de ensino superior e me sinto como se estivesse iniciando minha carreira profissional;* c) *Eu sei que tem gente que pode ficar sem fazer nada, sem ter um trabalho,... eu não entendo uma coisa dessas porque o trabalho é fundamental na minha vida, ..., não para ganhar dinheiro, mas para preencher o tempo...*

Muitas entrevistadas deixaram claro que começaram a trabalhar muito cedo e, muitas delas não se prepararam, ou sequer se permitiram, usufruir de outros prazeres da vida, pois viveram para o trabalho. As professoras foram unânimes em afirmar que só voltaram a trabalhar por se tratar de atividade na mesma área onde atuavam antes, pois têm paixão pelo magistério. As falas que se seguem corroboram esta afirmação: a) *Voltei a dar aulas numa faculdade porque é exatamente a mesma coisa que fazia na universidade, aliás eu jamais poderia fazer outra coisa...;* b) *Eu sempre fui só professora, mesmo tendo ocupado*

*cargos administrativos na universidade, nunca deixei a sala de aula, agora, depois de aposentada, para voltar a trabalhar, só se fosse na sala de aula, este é meu mundo...; c) Nesta faculdade eu tenho a oportunidade de lecionar e pesquisar, por isso aceitei o convite e voltei, pois penso que tenho muito a dar ainda na construção do conhecimento...*

Como se vê, o ser professora é o que motivou estas mulheres a voltarem para a sala de aula mesmo estando aposentadas com direito a descansar. Durante as entrevistas, algumas delas fizeram questão de me mostrar antigas fotos e convites de formaturas onde foram paraninfas ou homenageadas.

Os relatos que ouvi sobre a vida de personalidades que foram seus alunos, foi também emocionante, pois estas mulheres têm a consciência do quanto estão contribuindo na construção dessa sociedade que tanto queremos.

Por fim, através da perspectiva destas professoras aposentadas pude ver uma possibilidade de vida nova para os aposentados e não necessariamente um tempo de “morte social”.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise semântica constata a negação do júbilo conferida à ausência do trabalho, embora a associação com a noção de mudança expressa pela palavra reforma e pela no-

ção de recolhimento a que o vocabulário aposentado (aposentadoria) remete. A questão que se coloca é por que deixa de ser um ato de júbilo para se tornar depreciativo.

Este estudo concretizou a importância do trabalho para a qualidade de vida destas professoras aposentadas que optaram por continuar em plena atividade, contribuindo tanto com o desenvolvimento intelectual de nossa sociedade, como com o próprio desenvolvimento cognitivo-afetivo-motor e espiritual à medida que se sentem valorizadas ao compartilhar saberes com jovens acadêmicos.

A Revista Claudia de jan 1992 (nº 86 p.52) numa reportagem sobre esta fase da vida afirma que *“quem supera essa etapa passa a ver as coisas de uma maneira diferente. Faz as pazes com os outros e consigo mesma. Desfruta a tão sonhada tranquilidade, o direito de pensar mais em si mesma e colhe, calmamente, os frutos de uma vida inteira voltada para o trabalho e a família”*.

Com este estudo pude verificar que a mulher nunca se aposenta, pois suas responsabilidades domésticas absorvem o tempo dedicado às atividades fora do lar, e o seu tempo continua tão ocupado quanto no período anterior. A mulher aposentada não tem um “papel social”, mas uma posição com muitos papéis e de grande importância para o futuro do marido que se aposenta normalmente depois.

Segundo as aposentadas entrevistadas

existem várias maneiras de ressignificar e vivenciar o trabalho e a aposentadoria, de acordo com o modo de organização, com suas relações de trabalho e sua história de vida. Sendo assim, o trabalho pode ser visto tanto como meio de sobrevivência, quanto de satisfação pessoal. Esta satisfação é que ficou clara neste estudo.

Vimos, ainda, que a aposentadoria pode ser vivenciada como um período de descanso ou de mudanças, ocasionando buscas de novas atividades para o tempo livre, que antes era direcionado exclusivamente às atribuições profissionais, além de dedicar mais tempo à família.

Finalmente, é importante assinalar que, para todas as participantes, a aposentadoria está sendo um período gratificante em suas vidas e uma nova fase de muitas realizações. Ao interagirem com diferentes gerações, estas professoras aposentadas estão contribuindo na desmistificação da visão da aposentadoria como incapacidade, impotência, inércia e na construção de uma sociedade mais sensível ao processo de envelhecimento que está vivendo, com a possibilidade de valorizar seus aposentados que optaram em voltar ao exercício profissional.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRADE, Carmen Maria. *Uma pedagogia para a velhice: o desafio da construção de um trabalho com idosos no Brasil*. Porto

Alegre: PUCRS, 1996. Tese (Tese em Educação). Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1996.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP, 1999.

GONÇALVES, Nilton Oliveira. *As novas regras para a aposentadoria*. São Paulo: LTR, 2001.

HADDAD, Eneida G. de Macedo. *O direito à velhice: os aposentados e a previdência social*. São Paulo: Cortez, 1993.

KAEFER, Carin Otilia. *Trabalho e aposentadoria: significados e relações no contexto social*. São Paulo: PUCRS, 2004. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.

MOSQUERA, Juan J. M. *Vida adulta: personalidade e desenvolvimento*. Porto Alegre; Sulina, 1983.

\_\_\_\_\_. *As ilusões e os problemas da vida*. Porto Alegre: Sulina, 1979.

PETERSEN, Áurea T. *Homens e mulheres: enfim as desigualdades estão acabando? Estudos de Gênero*. São Leopoldo: UNISSINOS, 1997.

CARMEN MARIA ANDRADE

SILVA, Tomaz T. da. *Trabalho, educação e prática social: por uma teoria da formação humana*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

WILLIS, Paul. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

WITCZAK, Marcus Vinicius Castro. *Envelhecer ao aposentar-se? Discutindo a aposentadoria masculina, o envelhecimento e o subjetivar*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

ZANELLI, José Carlos. *Programa de preparação para a aposentadoria*. Florianópolis: Insular, 1996.